

AS RELAÇÕES DEMOCRÁTICAS NO RECREIO: *processos de transformação do cotidiano*

JANAINA MELQUES FERNANDES⁶²

FRANCISCA ELEODORA SANTOS SEVERINO⁶³

RESUMO

O relato apresenta reflexões sobre os primeiros diálogos feitos com crianças de uma escola pública localizada em Santos (São Paulo, Brasil) a respeito das concepções que elas têm do seu recreio. Parte-se, então, de procedimentos iniciais para organizar a pesquisa de mestrado profissional em Educação, realizada por Janaina Melques Fernandes, sob a orientação de Francisca E. Severino, no qual o objeto é o recreio como possibilidade da construção de um tempo-espaço democrático. A pesquisa pretende identificar as possibilidades e dificuldades de construir coletivamente um recreio de maneira democrática, levando em consideração os conhecimentos, as histórias e as propostas de todos que nele atuam cotidianamente: alunos, cozinheiros, inspetores e, eventualmente, professores. Dessa forma, nossa tarefa não é propriamente definir o conceito de recreio, nem tampouco tomá-lo como um espaço dado, entre aulas, em que crianças descansam, brincam e interagem. Pelo contrário, assumimos perante o recreio uma atitude comprometida de quem não quer apenas descrever o que se passa entre as crianças, ou como se passa, mas nossa atitude é aquela comprometida com a transformação da realidade desse espaço escolar pouco ou nada envolvida com as relações de aprendizagem. Como Freire, que tomamos como referência teórica, entendemos que trabalhar a educação e pensar sobre ela, compreender e contribuir para a transformação de suas instituições, consiste na ação política pela democracia nas relações escolares.

PALAVRAS-CHAVE

Recreio, relações de poder, projeto político-pedagógico, tempo e espaço escolares.

62. Mestranda do Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (Progepe) da Universidade Nove de Julho (Uninove) sob orientação da professora doutora Francisca Eleodora S. Severino. Possui graduação em Educação Física e Pedagogia. Trabalha como professora da rede municipal de Santos, com projetos relacionados ao circo e cultura popular. Contato: janainamelques@hotmail.com.

63. Professora e pesquisadora no campo de Gestão e Intervenção Educacional do Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (Progepe) da Universidade Nove de Julho (Uninove). Coordena o Grupo de Pesquisas Escola Básica Gestão e Intervenção, que faz parte do diretório de pesquisas do CNPq. Contato: frasev@uol.com.br.

ABSTRACT

The report presents reflections on the early dialogues made with children from a public school located in Santos city (SP-Brazil) regarding the concepts that they have on their playtime. Then we take the initial procedures for organizing professional Master's Degree research in Education held by Janaina Melques Fernandes, under the direction of Frances E. Severino, in which the object is the playtime as a possibility to build a democratic time-space. The research aims to identify the possibilities and the difficulties to build collectively a playtime by a democratic way, taking into account the knowledge, the stories and proposals of all who work every day in it: students, cooks, inspectors and teachers occasionally. Thus, our task is not properly to define the concept of playtime, nor take it as a given space, between classes, where children rest, play and interact. On the contrary, we assume the playtime like a committed attitude of someone who does not want just to describe what goes on among children, or how it goes, but our attitude is committed with the transformation of the reality of this school space that may be just a little or nothing involved with connections learning. Just as Freire, who we take as theoretical framework, we believe that to work with education and to think about it, understand and contribute for the transformation of its institutions, is the politic action for democracy in school relations.

KEYWORDS

Playtime, power relations, political-pedagogical project, school time and space.

JUSTIFICATIVA

Por ser o recreio considerado um espaço livre, o trabalho problematiza como as interações entre crianças, professores e demais sujeitos que atuam na escola são postas em funcionamento, bem como tais interações são ali intensificadas mediante a presumida liberdade. Os dados são coletados por meio de diálogos, entrevistas, observações e diário de campo. As análises preliminares permitiram perceber que as ações entre crianças, professores e funcionários não são isentas de poder. Reconhecendo o recreio como um tema de investigação, nossa proposta é compreendê-lo como um desafio histórico em sua relação contraditória.

As pesquisas relacionadas à temática do recreio, apesar de terem sido desenvolvidas com diferentes referenciais e terem abordado diversos aspectos, como os estudos de Juliano Neuenfeld (2005), Fabiane Pinno (2008) e Rosane Linck (2009), têm em comum a percepção de que o recreio é tratado como um campo desvinculado de um pensamento pedagógico. Entendemos que, dessa maneira, é possível que diferentes discursos e estratégias de controle estejam presentes nas interações que acontecem no recreio, que se caracteriza muitas vezes como um tempo-espaço autoritário, de reprodução de valores que não dialogam com o pensamento político-pedagógico da escola. Ao mesmo tempo, as pesquisas também o identificam como um campo de grandes possibilidades educativas. Essas questões devem ser levadas em consideração quando se trata de assumir perante o recreio e seus sujeitos uma atitude comprometida com a transformação. De fato, o trabalho visa a uma intervenção no recreio da escola pesquisada, com base no referencial teórico freiriano, a fim de fundamentar diálogos e mediações na construção do conhecimento coletivo, por parte de inspetoras, inspetores, cozinheiras, cozinheiros e crianças. Como recomendo Freire (2011a, p. 157), “nossa atitude comprometida – e não neutra – diante da realidade que buscamos conhecer resulta, num primeiro momento, de que o conhecimento é processo que implica a ação-reflexão do homem sobre o mundo”. A tarefa pretende, também, comprovar a atualidade e a necessidade da concepção freiriana de educação no processo de emancipação e protagonismo dos sujeitos que participam do cotidiano escolar.

A concepção freiriana de educação considera que não só as educadoras e educadores, mas também as trabalhadoras e trabalhadores da escola – inspetoras, inspetores, zeladores, cozinheiras, cozinheiros, faxineiras, faxineiros entre outros – são responsáveis pelo processo educativo e pelo currículo que está em constante construção no cotidiano escolar (FREIRE, 2011b). Para Freire (idem), esses sujeitos devem ter voz nos processos de elaboração e organização do currículo, já que possuem conhecimentos e experiências relacionadas ao cotidiano escolar, seja com a organização dos espaços e tempo escolar, com a alimentação, com os alunos ou com outros funcionários. Todavia, esse saber que no processo é fundamental para a vida coletiva, se constrói com base num ponto de vista autoritário e do qual os docentes e a equipe gestora não participam em sua elaboração. Na realidade, eles participam da organização e da rotina escolar abordando outros aspectos. Concebemos essa afirmação com base na verificação do regimento escolar, que identifica as funções de cada funcionária e funcionário da escola. É preciso, então, grande

atenção no processo de pesquisa, pois, “ao adentrar-nos na compreensão de um tema, ao desvelá-lo, desvelamos igualmente o seu contrário, o que nos impõe uma opção que, por sua vez, passa a exigir de nós uma forma de ação coerente com as tarefas apontadas no tema” (FREIRE, 2011a, p. 157). Portanto, os saberes e experiências de todos os funcionários da escola devem ser levados em consideração na construção do Plano Político-Pedagógico da escola. Todavia, vale lembrar que “não devemos submeter nosso procedimento epistemológico à ‘nossa verdade’, mas buscar conhecer *a verdade* dos fatos” (FREIRE, 2011a, p. 156).

A NECESSIDADE DO RECREIO COMO UM NOVO ESPAÇO PEDAGÓGICO DEMOCRÁTICO

Por isso afirmamos a necessidade urgente de construir caminhos para superar o entrecruzamento de vozes e discursos, muitas vezes contraditórios, que permeiam o recreio. E é nessa urgência que entendemos a proposta emancipatória de Paulo Freire (2011b) como um caminho de superação. A pesquisa documental nos auxiliou a identificar como as políticas públicas e o Projeto Político-Pedagógico da escola definem e tratam o recreio. Não encontramos na Lei de Diretrizes e Bases brasileira aspectos que tratem de maneira específica o recreio ou uma orientação sobre como ele deve ser tratado. O documento que define o perfil e a identidade da escola e aponta os caminhos pedagógicos propostos coletivamente, segundo os pressupostos teóricos e as concepções relacionadas à escola e à comunidade escolar, é o Projeto Político-Pedagógico (PPP). Esse documento foi criado no bojo das políticas democratizantes, pela implementação da Lei 9.394/96, que estabelece que os estabelecimentos de ensino devem ter a incumbência de elaborar e executar sua proposta pedagógica. A escola é representada pelos diferentes segmentos que constituem sua comunidade. O PPP diagnostica sua situação administrativo-pedagógica, social, estrutural e educacional e, com base em indicadores resultantes desse diagnóstico, traça objetivos, propõe metas e planeja ações para que, ao longo de um período letivo, se alcance sucesso na aprendizagem do aluno. Todavia, a consulta ao PPP da escola pesquisada constatou que ele também, nesse caso, não trata o recreio como um espaço de lazer com potencial educativo. A única menção a ele é a demarcação de horário para a refeição.

Decidiu-se, então, ter uma primeira conversa com as crianças que vivenciam o recreio, afinal, esse é um momento muito esperado por elas. Para tanto, a pesquisadora, que também atua como professora da escola, propôs dois questionamentos para as crianças de 2º ano da escola: “Vocês podem brincar no recreio?”; “Do que vocês gostariam de brincar?”.

As respostas trazem um panorama inicial sobre como as crianças pensam o recreio acerca das possibilidades reais de experiências e do que elas gostariam de brincar. Contudo, ressaltamos que, no caso estudado, tais percepções foram sendo construídas pela investigadora, durante um certo tempo, em meio às relações cotidianas que se dão no próprio contexto escolar entre criança/criança e adultos/crianças, uma vez que a investigadora é também professora

da referida escola. Embora tenha sido percebido que o recreio é constituído por ações espontâneas e desordenadas das crianças, que em alguns momentos são conflituosas e nas quais a agressividade é potencializada por meio de brincadeiras, o objetivo principal do recreio, aceito culturalmente como fato dado, é o descanso das atividades de aprendizagem e o gasto de energia, fato que justifica, de certa forma, a pretensa liberdade para brincar, mesmo que essa brincadeira se imponha como coerção e manifestação de poder de uns sobre outros. Essas constatações indicam que há, num primeiro momento, o entendimento de que o recreio é um momento essencial e um espaço de descontração, fato que justifica o não investimento pedagógico nesse espaço e tempo. Ao se aprofundar a observação, no entanto, percebe-se que, num segundo momento, é possível ter uma compreensão de que as crianças não têm voz para decidir ou discutir o momento em que elas poderiam ser mais livres. A constante busca pelo controle, reproduzida por meio de ordens e broncas, também acabam por produzir valores relacionados ao que é considerado certo e errado. A concepção de poder, que está geralmente nas mãos de inspetores, também é reproduzida pelas crianças como normas disciplinares que não devem ser desrespeitadas. A hierarquia das relações escolares tem no recreio um espaço privilegiado de manifestação e acaba por servir às crianças como meio e fim em si mesmo da reprodução e aprendizagem de relações autoritárias. Acaba de fato constituindo-se como um espaço que limita as experiências e possibilidades de ações criativas e dialógicas que acontecem por parte das crianças. A ordem e disciplina são aí privilegiadas e as crianças sabem muito bem disso.

Essas observações se confirmam quando, mediante diálogo com as crianças, a investigadora propôs as duas perguntas que balizaram a investigação com elas, a saber: “Vocês podem brincar no recreio?”; “Do que vocês gostariam de brincar?”. Contradizendo a concepção de que o recreio é um espaço de descontração e de brincadeiras, as crianças esclarecem, já nas primeiras respostas, que elas gostariam de brincar por meio de atividades que não exigissem muita movimentação, tais como *killer*, adoleta e teatro de fantoche. Como na resposta do aluno 1, após a sugestão da prática de futebol feita pelo aluno 9: “que futebol o quê? Não pode”.

Essa experiência com apenas as duas questões proporcionam reflexões que vão orientar a organização de novos diálogos com as crianças, inspetores e cozinheiros. Dessa forma, poderemos compreender também como estes interpretam o recreio e as brincadeiras das crianças. Pretendemos, com isso, também identificar os diferentes discursos para poder problematizá-los por meio do diálogo na intervenção.

O diálogo tem especial importância na pedagogia freiriana. É um dos elementos fundamentais para superar a pedagogia autoritária, com a imposição de visões de mundo e reprodução dos valores dominantes. Para conceber uma educação dialógica, é necessário o constante exercício da escuta de todos os envolvidos. Implica reconhecer o outro como sujeito que aprende e ensina, não importando sua idade ou condição funcional. O diálogo é de fato fundamental na construção do conhecimento. A pedagogia freiriana entende que ninguém educa nem

aprende sozinho. A comunicação é necessária para transformar o mundo. Pois “somente escutando é que aprendemos a falar com o outro e não para o outro” (SANTOS NETO, 2009, p. 34).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise documental explicitou que, embora haja na escola escolhida como local deste estudo o instrumento democratizante que é a construção coletiva do PPP, o recreio como um espaço tempo pedagógico a ser contemplado foi deixado de lado, entre as diversas tarefas que são organizadas sistematicamente no cotidiano escolar. Essa falta de preocupação possibilita as mais diversas formas de tratamentos por parte dos sujeitos que atuam no recreio, entre as quais se destacam a violência física ou simbólica (*bullying*). Não há preocupação pedagógica ou construção de um pensamento que possa trazer algum tipo de referência para mediar as interações que ali acontecem. Dessa maneira, consideramos necessário pensar no recreio, nas suas possibilidades e limitações, para transformá-lo também num campo fértil de produção do conhecimento escolar em processo democrático.

Tomando a concepção de diálogo e construção de conhecimento na perspectiva de Paulo Freire, pretendemos organizar e experimentar uma práxis que busque caminhos para a construção de um recreio democrático, a fim de que o processo emancipatório aconteça até nos momentos escolares menos pensados pedagogicamente.

REFERÊNCIAS

BREZINSKI, Iria (org.). *LDB/1996 Contemporânea: contradições, tensões, compromissos*. São Paulo: Cortez, 2014.

FREIRE, Paulo. *Ação Cultural para a liberdade e outros escritos*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011a.

_____. *Pedagogia da esperança – um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011b.

LINCK, Rosane S. *Hora do Recreio! Processos de pertencimento identitários juvenis nos tempos e espaços escolares*. 152f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

NEUENFELDT, Juliano D. *Recreio escolar: espaço para “recrear” ou necessidade de “recriar” este espaço?* Lajeado: Univates, 2005.

PINNO, Fabiane S. *Recreio escolar: práticas corporais e suas significações*. 106f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2008.

SANTOS NETO, Elydio dos. “Paulo Freire e Gramsci: contribuições para pensar educação, política e cidadania no contexto neoliberal”, *Revista Múltiplas Leituras*, vol. 2, n. 2, jul./dez., 2009, p. 25-39.